

EUCLÉIA GONÇALVES SANTOS

**RETRATO E DIAGNÓSTICO DO BRASIL: OS SERTÕES NA OBRA DE
AFRANIO PEIXOTO (1910-1947)**

Projeto apresentado como requisito parcial para o ingresso no Curso de Doutorado em História, na Linha de Pesquisa Espaço e Sociabilidades do Departamento de Pós-Graduação de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – UFPR.

Orientador:

CURITIBA

2012

RESUMO

Estudo que objetiva identificar no discurso literário e científico de Júlio Afrânio Peixoto ideias acerca dos espaços territoriais brasileiros das primeiras décadas do século XX (1910-1947), particularmente aqueles referentes aos sertões. Visa detectar na escrita de Afrânio os elementos constitutivos de um diagnóstico sertanejo bem como os diálogos tecidos com outros discursos do período acerca desse espaço territorial. Pretende analisar tais perspectivas por meio do estudo do trabalho intelectual de um indivíduo, no contexto de relações de poder específicas, historicamente constituídas, e invocando noções particulares de verdade. Considerando o que concebe Michel Foucault, os discursos definem as ações e os eventos que são plausíveis, racionalizados ou justificados em um dado campo. Outra perspectiva de análise, proposta também por Foucault, será a da medicina social, ou seja, o momento em que os intelectuais sentem-se incumbidos da missão de identificar o Brasil e seus moradores tecendo um emaranhado de conhecimentos científicos e estabelecendo as estratégias de intervenções que vise não mais o corpo do indivíduo, mas o corpo social.

1 DEFINIÇÃO DO OBJETO E PROBLEMÁTICA

Em 07 de maio de 1910, Júlio Afrânio Peixoto recebeu a informação de que havia sido eleito membro da Academia Brasileira de Letras, para ocupar a cadeira de número 7, na sucessão de Euclides da Cunha.

A primeira reação do novo membro foi de surpresa. Segundo ele, no momento em que soube da eleição estava em viagem. Afrânio alegou que nem sabia que havia sido inscrito para concorrer á vaga. Depois do assombro inicial veio a sensação da responsabilidade diante do fato¹. Até aquele momento, o médico não possuía nenhuma obra literária.

Ainda durante a viagem, o novo literato brasileiro iniciou a escrita de sua primeira obra, que deveria estar pronta, publicada e lida pela sociedade no momento da recepção na academia que aconteceria em agosto do mesmo ano. Assim, num árduo trabalho, Afrânio Peixoto escreveu a obra “A Esfinge”.

Quando da posse na academia, o médico era um dos escritores mais famosos do momento. Seu livro havia se tornado um sucesso de público e de crítica, com mais de 3000 exemplares vendidos.²

¹ Segundo PEIXOTO, em carta pessoal escrita á seu amigo João do Rio: “Eleito para a Academia á crédito, pois não tinha obra literária, tive que pagar a promissória escrevendo um romance. O primeiro crime traz os outros”. Pasta do *Arquivo da Biblioteca Nacional*, pasta 26-1-25. s/d.

² Para a 1ª. edição da obra, de 1911, foram feitos 1000 livros. Ainda em 1911 foi realizada a 2ª. edição, com uma tiragem de dois mil exemplares. De 1911 até 1940 foram feitas 7 edições do livro,

Seguida a essa obra vieram dezenas de outras. Num trabalho incessante, Afrânio chegou a publicar mais de dois livros por ano, intercalando seu trabalho de médico, diretor do Hospital Nacional de Alienados, político e literato. Na sua segunda obra literária, o autor deixou muito claro o tema preferido de seus livros: a população brasileira, principalmente aquela que habitava “para além da Avenida Central”- o sertanejo.

Esse fato se relaciona ao contexto histórico e literário do início do século XX: uma das mais conceituadas instituições da literatura nacional elegia entre seus membros, pessoas que não eram literatos. A premissa para fazer parte do grupo de Machado de Assis centrava-se muito mais na posição que o novo membro ocupava na sociedade, suas influências, seus destaques e sua disposição de pensar ou de propôr ideias singulares para a construção de uma literatura brasileira do que o fato de ser um escritor efetivo.³

Dessa forma, esse projeto de pesquisa propõe a análise das descrições e diagnósticos lançados acerca dos sertões brasileiros do início do século XX na obra literária e científica de Júlio Afrânio Peixoto (1879-1947), particularmente as que foram escritas entre 1910-1947, período de intensa produção intelectual desse médico. Considerando que Afrânio Peixoto escolheu como tema central de suas obras literárias o sertão e os tipos sertanejos, o objetivo principal deste trabalho é o de compreender como suas ideias, referente às descrições e os possíveis diagnósticos acerca dos sertões brasileiros puderam influenciar os debates acirrados sobre identidade nacional, seja em relação às descrições territoriais- tipo climático, paisagem, localização tropical- ou sobre a identidade cultural da nação- história e constituição racial.⁴

totalizando 21 900 exemplares. No entanto, a obra mais editada de Afrânio foi *Fruta do Mato*, com 31 000 exemplares, seguido de *Bugrinha*, com 27 000 exemplares. Os dois livros mais editados tratavam exclusivamente dos sertões brasileiros. Dados presentes em RIBEIRO, Leonidio. *Afrânio Peixoto*. “O escritor mais lido da língua portuguesa”. Edições Condé. Rio de Janeiro. 1950. p.419-426.

³ É interessante ressaltar que as primeiras décadas do século XX trouxeram para a discussão as distinções entre o papel do literato e do cientista. As discussões acerca dos debates travados a esse respeito foi debatido por: SÁ, Dominichi Miranda de. *A Ciência como Profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1930)*. Editora da Fiocruz. Rio de Janeiro, 2006. Outra referência a esse respeito diz respeito a uma pesquisa, ainda em andamento, de Renata Prudêncio da Silva, onde pode-se acompanhar o sentido e significado da ciência para Afrânio Peixoto no contexto das discussões acerca do papel da função do literato e do cientista. Transitando entre os dois mundos, Afrânio torna-se um personagem privilegiado para lançar pareceres do que se entendia por ciência e de que maneira deveria ser produzida as obras literárias. SILVA, Renata Prudêncio da. “Ciência versus letras no Brasil republicano. Ciência e nação em Afrânio Peixoto”. *Jornada- Anais Eletrônico da COC*. Disponível em: http://www.coc.fiocruz.br/jornada/images/Anais_Eletronico/renata_silva.pdf.

⁴ Um ponto a ser levado em consideração diz respeito as distintas ideias de sertão que circulavam nesse período. Em *Um Sertão chamado Brasil*, de Nísia Trindade de Lima, a autora apresenta

Torna-se imprescindível identificar o discurso do médico baiano a partir dos lugares de onde foi lançado: de um lado a Academia Brasileira de Letras, como sucessor imediato de Euclides da Cunha e de outro a Cátedra de Higiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A característica institucional presente nesses discursos nos proporcionará observar duas vertentes de enunciados importantíssimos para a construção do Brasil nesse momento histórico: o discurso literário e o científico.

Inicialmente, a entrada de Afrânio na Academia Brasileira de Letras lhe rendeu significativo destaque entre os intelectuais do período, principalmente se considerarmos a notoriedade que Euclides havia conquistado no período imediato à escrita *d'Os Sertões*.⁵ A cadeira sete, cujo patrono era Castro Alves, tornara-se cobiçada principalmente àqueles que intentavam elaborar um olhar mais legítimo acerca da identidade nacional partindo da singularidade apresentada pelos sertões.

Por outro lado, Afrânio tornou-se o catedrático da cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1916, período de ebulição das discussões em torno do sertão brasileiro, descrito em detalhes pelas expedições científicas realizada pelos médicos Belizário Pena e Artur Neiva.

Dessa forma, a problemática desse projeto de pesquisa consiste em identificar as construções que foram se processando em torno da ideia de sertão, considerando as descrições das expedições científicas que o apontavam como um “imenso hospital” e as mudanças de foco acerca desse diagnóstico lançadas pelas práticas higiênicas e sanitárias que deontaram quase que concomitantemente. Buscar-se-á estabelecer os limites do discurso intelectual brasileiro desse período histórico, identificando as diferentes posições e leituras feitas do país e considerando o intrincado jogo de poderes, de disputas e de fissuras entre os diferentes diagnósticos lançados à realidade brasileira. Pretende-se ainda, entender como isso influenciou projetos de ação para o futuro do

um amplo leque de distintas interpretações sobre esse espaço territorial. De um lado havia a dualidade bárbarie versus civilização, onde o sertão estaria ocupando o lugar da bárbarie, por outro o sertão se apresentaria como a expansão da fronteira civilizada e estaria em todo o lugar em que se anunciasse o desconhecido, o espaço social a conquistar. A despeito de todas as discussões, a autora informa que o mais importante, e é o que será considerado para o desenvolvimento dessa pesquisa, é pensar o sertão como um espaço simbólico, cujos contornos geográficos seriam de difícil delimitação. “É enquanto ideia referida a características centrais da formação social brasileira que podemos discutir os diferentes significados atribuídos à palavra sertão, ou talvez os diversos sertões presentes no espaço brasileiro”. LIMA, Nísia Trindade de. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais, sertanejos e imaginação social*. Tese de doutoramento, Rio de Janeiro, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. 1997, p.44.

⁵ Para um esclarecimento maior sobre o impacto causado pela obra de Euclides da Cunha ver : ABREU, Regina. O livro que abalou o Brasil: a consagração de Os sertões na virada do século. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, vol. V (suplemento), 93-115 julho 1998.

Brasil, partindo da obra um indivíduo em particular. Trata-se, portanto, de observar o macro, pelo micro⁶.

Se durante todo o século XIX o que prevaleceu no Brasil no que diz respeito às discussões sobre os sertões foram os discursos elaborados por viajantes europeus ou pelos “artífices” da geração de 1870⁷, a virada do século proporcionou uma nova perspectiva acerca desses conhecimentos. Tratava-se agora de observar de forma mais realista e científica a realidade do país, a fim de identificar, catalogar e traçar estratégias de ação que apresentassem a nação por seus próprios termos. Dessa forma, a evidência sertaneja surgiu como um ponto estratégico para os debates. Havia de um lado grupos que identificava o sertão como o espaço da singularidade e da identidade brasileira intocável e autêntica e de outro a ideia de que o sertão era o espaço por excelência da barbárie ou da doença e apresentavam o sertanejo como indolente, preguiçoso, incapaz⁸.

Embora o sertão tenha sido o protagonista privilegiado da maior parte da produção literária de Afrânio Peixoto, o autor desempenhou diversas outras atividades cruciais para definir suas escolhas pessoais, que se estendiam para toda a sua prática intelectual. Tais relações devem ser consideradas para entendermos as escolhas desse intelectual frente as dinâmicas sociais e políticas do mundo em que viveu.

Durante o período que foi presidente da Academia Brasileira de Letras (1923-1925) Afrânio pôs em prática aquilo que julgou ser uma forma de construir a identidade do Brasil. Para ele, o Brasil só seria visto e valorizado como um país singular por meio dos nomes de seus intelectuais e de sua história. Dessa forma, organizou um amplo compêndio de temas considerado por ele de relevância para a identidade nacional. As publicações que receberam o título de “*Biblioteca de Cultura Nacional*” foram divididas em quatro assuntos: Literatura, História, Bio-bibliografias, e Discursos. Para

⁶ A respeito da possibilidade de observar o macro pelo micro, vale destacar uma interessante abordagem feita por MENDONÇA que assim se posiciona acerca dessa metodologia: a micro-história “sem descartar a abordagem do “geral”- o “social”- o faz a partir de um aspecto particular- um local, um indivíduo, um grupo de indivíduos”. MENDONÇA, Joseli Maria Nunes de. *Evaristo de Moraes, Tribuna da República*. Editora Unicamp.Campinas, 2007. P. 39.

⁷ Segundo LUCA, os primeiros impregnados com um nacionalismo exacerbado e romântico enquanto os segundos elaboravam um diagnóstico negativo, apontando a imensidão do território brasileiro, bem como a mistura de raças como o mais forte obstáculo para o desenvolvimento do país. LUCA, Tânia de. *A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (n)ação*. Editora Unesp. São Paulo. 1999.

⁸ Exemplos dessas diferentes interpretações sobre os sertões podem ser observadas nas obras de José de Alencar, Euclides da Cunha e nos primeiros escritos de Monteiro Lobato, dentre outros. Ver CHIAPINNI, Lígia. *Do Beco ao Belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura*. Estudos Históricos, v. 8, n. 15, p.153-159. 1995.

efetivar o projeto da Biblioteca, Afrânio escolheu um intelectual para cada área do conhecimento, o qual deveria estender a outros a proposta e torná-la real.

No campo literário, Afrânio apresentou suas obras como uma “continuação” do legado deixado por Euclides da Cunha, buscando singularidades na escrita e descrição de cenários. Araripe Junior, no discurso de recepção de Afrânio na Academia Brasileira de Letras já distinguiu essa característica do escritor e sobre ela se posicionou alegando a grande responsabilidade que era assumir essa cadeira. O crítico apontou Afrânio como legítimamente ancorado para a sucessão visto ser o novo membro “um homem de ciências que expandiria os conhecimentos acerca dos sertões, não apenas de forma etnográfica como havia feito o grande escritor Euclides da Cunha, mas com todo o aparato conceitual que só um homem de ciências poderia dispor”.⁹

Considerando que a ciência apontava como a redentora do país, Afrânio Peixoto foi visto como legítimamente apto para apresentar à *intelligentsia*¹⁰ da época ideias relevantes e polêmicas do debate mais acirrado sobre identidade nacional, descrição dos tipos autenticamente nacionais e apresentação dos distintos cenários da imensa nação. Nas suas produções científicas, o autor em questão elaborou um apanhado geral sobre a história e a geografia do Brasil, identificando a higiene como a redentora do futuro do país, tanto para a área urbana quanto para a área sertaneja.

Cada livro, artigo ou discurso escrito apresentava de maneira mais clara as ideias de Afrânio diante dos seus pares. Suas posições quase sempre foram polêmicas e geravam amplas discussões. Inicialmente o médico escolheu a positividade dos sertões num momento onde as expedições científicas apresentavam o Brasil como um imenso hospital. Historicamente buscou defender a colonização portuguesa como um fator de relevância para o nosso povo¹¹. Enquanto homem de ciência era um defensor do sanitarismo.

⁹ JUNIOR, Araripe. *Discurso de recepção ao acadêmico Afranio Peixoto*. Discursos Acadêmicos. ABL 1911

¹⁰ O conceito de *intelligentsia* é utilizado por LIMA, adotado da concepção mannheimiana, que corresponde a um “grupo social cuja tarefa específica consiste em dotar uma dada sociedade de uma interpretação de mundo”. LIMA, op. cit, p.20. Utilizaremos esse conceito para referir-se ao grupo de intelectuais do início do século abordado nesse trabalho.

¹¹ Essas posições apresentam o quanto Afrânio estava inserido nos debates do seu tempo e as escolhas que ia tecendo. Segundo LIMA, outra posição comum, que uniria os intelectuais do início da República era a discussão histórica. “Naquele contexto, fazia-se sentir intensamente o debate sobre que paradigma de civilização se deveria seguir. As correntes intelectuais se dividiam entre os que advogavam a importância das tradições ibéricas, aqueles que seguiam os valores intelectuais franceses, até então predominante nos meios ilustrados, e os que defendiam a proximidade entre a sociedade norte-americana e os valores que deveriam ser afirmados na constituição da nacionalidade brasileira”. LIMA, op. cit p 48.

Um exemplo marcante das posições adotadas por Afrânio foi o embate entre ele e Carlos Chagas. O catedrático de higiene travou uma longa discussão com o descobridor da Doença de Chagas, identificada à época como a “doença do Brasil”. Afrânio, juntamente com um pequeno grupo de médicos, opôs-se a definição da Doença de Chagas como “Doença do Brasil” alegando que essa distinção causaria atraso e espantaria imigrantes. Além do mais, o médico higienista defendeu enfaticamente que a doença de Chagas não representaria a proporção apresentada pelo descobridor da doença, que os sertões brasileiros não eram aquilo que queriam fazer acreditar as descrições elaboradas por Chagas e seus partidários.¹²

Esse fato pode nos apresentar a postura, na maioria das vezes, adotada por Afrânio Peixoto na formação de seu pensamento intelectual. Embasado teoricamente pelo “rigor científico” e munido da carga simbólica destinada ao ocupante da cátedra de Higiene, Afrânio utilizava-se de sua “armadura” para apresentar uma nova leitura do sertão brasileiro. Por meio da higiene, o médico diagnosticava um país que continha todas as possibilidades de crescimento, desconstruindo as ideias negativas que condenavam o país a um eterno atraso e fracasso.

A partir de sua primeira obra, logo após assumir a cátedra de Higiene, o médico lançou enfaticamente a ideia de que não havia doenças tropicais e muito menos a existência de doenças climáticas. O que havia, segundo ele, eram doenças evitáveis por meio de práticas de saneamento e higiene.

De maneira geral, pode-se inferir que as definições elaboradas por Afrânio acerca dos sertões brasileiros, principalmente aquelas elaboradas entre os anos de 1910 até 1925, colocavam-se na crítica ao diagnóstico negativo adotado pela maioria dos intelectuais que construía definições acerca do Brasil. Afrânio opôs-se, principalmente, à definição de que “o Brasil era um imenso hospital” ou de que, devido

¹²A controvérsia foi tão acirrada que durante um ano a Academia Nacional de Medicina ficou mediando os conflitos. Foi designada uma equipe médica para elaborar o parecer oficial acerca da questão. Por fim, foi dado um parecer favorável aos argumentos de Carlos Chagas. No entanto, as premissas lançadas por Afrânio foram consideradas, em parte relevantes. Em clara alusão ao movimento sanitário, Henrique Figueiredo de Vasconcelos, também opositor de Carlos Chagas, discursou na Sociedade Médica de Cirurgia que “as ‘cores tétricas’ com que muitos pintavam aquela enfermidade e o quadro sanitário nacional, trariam o descrédito sobre o país, afugentando os imigrantes e os investimentos estrangeiros necessários ao progresso. VASCONCELLOS, Henrique Figueiredo de. Moléstia de Cruz e Chagas: a conferência do dr. Figueiredo de Vasconcellos. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p.6. 21 ago 1919. Citado em KROPF, Simone Petraglia. Carlos Chagas e os debates e controvérsias sobre a doença do Brasil (1909-1923). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, jul. 2009, p.205-227.

ao clima e a localização tropical, nossos sertões estivessem condenados ao fracasso e a doença.

A ideia prevalente nos discursos de Afrânio foi aquela que trazia o Brasil como um todo para a discussão e combatia a ênfase destinada aos sertões como a maior mazela do crescimento brasileiro. Ao enfatizar que as periferias da própria capital federal eram carentes e desprovidas de saneamento¹³, Afrânio procurou mostrar à classe dirigente que o problema brasileiro não era o sertão longínquo, mas a falta de intervenções higiênicas e educativas para a população de maneira geral. O problema do Brasil não era a extensão territorial, o clima tropical, a miscigenação racial e muito menos a existência dos sertões. O Brasil era, segundo Afrânio, carente de educação.

Essas ideias foram apresentadas particularmente nas obras literárias de Afrânio. Segundo Nicolau SEVCENKO a escrita literária foi utilizada na primeira República para a ação política, social e econômica, denunciando e propondo soluções para as mazelas vividas pela sociedade nesse período de intensas transformações. Pode-se inferir que a prática literária de Afrânio Peixoto, semelhante a seus contemporâneos, era feita com “a intenção de assimilação e participação nos processos históricos em curso. Situação essa que reveste suas produções intelectuais de uma dupla perspectiva documental: como registro judicioso de uma época e como projetos sociais alternativos para a sua transformação¹⁴”.

Os intelectuais brasileiros das primeiras décadas do século XX buscaram, das mais diversas formas, lançar luz sobre as distintas realidades do país. Atribuindo à sua atividade um sentido missionário e adentrando a um só tempo nos campos científicos, literários e políticos essa intelectualidade advogava a afirmação de um conhecimento da realidade social com bases científicas que orientasse o processo de consolidação do Estado nacional e seu papel pedagógico de construtores da nação¹⁵. Essa exigência

¹³ Em um discurso na Academia Nacional de Medicina, Afrânio Peixoto chamou a atenção da elite dirigente ao apontar que o problema do Brasil não eram os sertões como queriam fazer crer um grupo de intelectuais ligados ao Movimento Sanitarista, mas sim a distância dos brasileiros com o poder público e a ausência de projetos modernizadores. Segundo Afrânio: “Se raros escapam á doença, muitos têm duas ou mais infestações. Vêm-se, muitas vezes, confrangido e alarmado, nas nossas escolas públicas crianças a bater os dentes com o calafrio das sezões... E isso não nos ‘confins do Brasil’, aqui no Distrito Federal, em Guaratiba, Jacarepaguá, Tijuca... Porque não nos iludamos, o ‘nosso sertão’ começa para os lados da Avenida”. Discurso Pronunciado no banquete oferecido ao Prof. Miguel Pereira, em 19-05-1918. Pastas Pessoais. *Fundo Pessoal Afrânio Peixoto*, ABL.

¹⁴ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003, pp. 286-287.

¹⁵ LIMA, op cit.

alterou notadamente a produção do saber no período, “a vertigem da modernidade já não permitia a sobrevivência do modelo de saber enciclopédico, comum nos séculos anteriores”¹⁶. Deixava-se para trás um passado baseado em conhecimentos diletantes para se priorizar as intervenções pautadas em teorias adquiridas e testadas no campo da ciência. A ciência tornaria possível “revelar a verdadeira face da nação e “traçar as suas linhas de força para o futuro”¹⁷ O credenciamento para a tarefa proviria de uma suposta qualificação, presente entre os intelectuais, para “desvendar as regras de funcionamento do social” e desse modo formular, a partir de dados e critérios objetivos, políticas de ação.

Embora seguindo o exemplo de boa parte da intelectualidade do período, que buscava múltiplas entradas nas mais distintas áreas do conhecimento, os locais de onde falava proporcionava a Afrânio Peixoto uma produção singular diante das escolhas sociais. De um lado havia o literato, sucessor na Academia Brasileira de Letras de Euclides da Cunha, um autor prestigiado e bastante discutido no meio intelectual. De outro lado, tão importante quanto, temos o Dr. Afrânio Peixoto falando como professor catedrático da cadeira de higiene, da Faculdade do Rio de Janeiro. Sua entrada na Faculdade se deu em 1916, um dos períodos mais tensos das discussões acerca dos sertões. Dessa forma, considera-se o discurso de Afrânio Peixoto carregado de significados importantíssimos para entendermos a construção do pensamento social do momento em que viveu. Acredita-se que o tema do sertão manifestava-se como um lugar privilegiado para a realização do ideário higienista. Esse ideário encontrava-se ancorado a um projeto de medicina social, que se viabilizaria não somente por meio de medidas de intervenção no meio urbano, mas também a partir de um olhar, uma avaliação e um projeto de intervenção sobre o sertão. Durante a Primeira República, além das discussões sobre as instituições políticas e sociais, a modernização do país e o papel do Estado na organização nacional, a questão racial foi, sem dúvida, um dos temas que mais mobilizou a geração de intelectuais. Por um lado os brasileiros se deparavam com o diagnóstico negativo elaborado durante o século XIX por cientistas e viajantes europeus que apontavam a miscigenação brasileira como o mais forte obstáculo para o desenvolvimento do país. De outro lado, a constatação de que o Brasil ainda não constituía uma nação, e de que a imigração era um caminho incontornável no processo de formação nacional, contribuíram ainda mais para colocar em evidência o “problema

¹⁶ SÀ, op. cit, 2006.

¹⁷ LUCA, op. cit, p.22.

da raça”¹⁸. Em torno de 1910 surge um acalento para aquela parte da intelectualidade brasileira que se via condenada pela miscigenação:

Os conhecimentos dos médicos-higienistas sobre a saúde dos brasileiros e sobre as condições sanitárias em grande parte do território nacional, revelados ao público em meados da década de 1910, nos absolviam enquanto povo e encontravam um povo réu. O brasileiro era indolente, preguiçoso e improdutivo porque estava doente e abandonado pelas elites políticas. Redimir o Brasil seria saneá-lo, higienizá-lo, uma tarefa obrigatória dos governos ¹⁹.

Dessa forma, um grupo de intelectuais posicionou-se na perspectiva de que as intervenções educativas, aliadas aos conhecimentos biológicos salvariam o país “dos obstáculos à civilização”. A salvação para o nosso país estaria nas práticas sanitárias e higiênicas, particularmente destinadas aos sertões.

Partindo dos dados registrados pelas expedições científicas organizadas pelo Instituto Oswaldo Cruz a ideia que prevaleceu foi a de que o Brasil era “um imenso hospital. Os relatórios provenientes dessas viagens de reconhecimento do território contribuíram para compor um retrato das áreas do interior em que as doenças foram identificadas como a característica básica da nacionalidade.

Como um grito de clamor, os cientistas utilizavam-se de suas descrições para apontar a urgência da nação voltar seus olhos para os “confins” do Brasil e resgatar sua gente. Segundo Gilberto Hochman²⁰, nas décadas de 1910 e 1920, o movimento sanitaria difundiu sua interpretação sobre as bases da comunidade nacional e ofereceu soluções políticas e institucionais para transformar um país doente em uma sociabilidade sustentada na saúde e na higiene de sua população. Para além de tratar, com o movimento higienista, a função do médico era impedir que a população ficasse doente e isso seria possível por meio da educação higiênica. Ao deslocar o ponto fundamental do atraso do Brasil da questão da raça para a ciência, o movimento

¹⁸ Na leitura produzida pelos principais intelectuais deste período, o debate acerca da questão racial ganhou representações diversas, desde a condenação do Brasil enquanto país mestiço até a exaltação da miscigenação como uma feliz herança histórica e cultural, como apareceria, por exemplo, em *Casa Grande & Senzala*, publicada em 1933. Essas diferentes interpretações alimentaram um conjunto de idéias – políticas, sociológicas, antropológicas e eugênicas - que instituíam problemas, imaginavam soluções e acalentavam diferentes sonhos e projetos em relação ao futuro do Brasil. SCHWARCZ, Lília Moritz. 1993. *O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Editora Companhia das Letras.

¹⁹ LIMA, Nísia Trindade, HOCHMAN, Gilberto. “Condenados pela raça, absolvidos pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitaria da Primeira república”. In: MAIO, Marcos Chor, SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. Centro Cultural Banco do Brasil, 1996, p. 1

²⁰ *Ibidem*, 1998, p. 49

sanitarista pôde limpar o terreno para a efetivação de um projeto nacional no qual a ação humana ganhava mais espaço, e com isso, o estabelecimento de políticas públicas de saneamento que já ganhara força no início do século com as reformas urbanas, passa a ser enfatizado para o interior do país, promovendo mais uma vez o deslocamento do foco do litoral para o sertão.

Nesse sentido, situamos a escrita de Afrânio Peixoto como produtora de saberes bastantes específicos devido ao lugar ocupado por esse personagem no momento exato das ebulções a respeito do sertão, do sanitarismo e práticas higiênicas; herdeiro da cadeira de Euclides da Cunha na Acadêmica Brasileira de Letras e professor Catedrático de Higiene na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

2 JUSTIFICATIVA

A opção pelos sertões não foi uma escolha aleatória na obra de Afrânio. Nísia Trindade de LIMA²¹ afirma que grande parte das discussões e do pensamento social brasileiro das primeiras décadas do século XX versavam sobre a ideia do contraste entre o Brasil do litoral e o dos sertões. “O homem do interior foi um dos objetos privilegiados nos textos de cunho sociológico produzidos na segunda metade do século XIX, nas três primeiras décadas do século XX: durante o período em que o Brasil foi considerado o grande enigma a ser decifrado em seus aspectos sócio-antropológicos, étnicos e culturais”²².

Diante desse quadro e considerando que outros intelectuais estavam preocupados em pensar o Brasil, em diagnosticá-lo e em traçar estratégias de intervenções, por que seria interessante analisar as ideias de Afrânio Peixoto referente a esse espaço social?

Porque acredita-se que o intelectual desfrutava de um lugar privilegiado para se posicionar em relação á questão do sertão por atuar como catedrático da cadeira de higiene de uma das mais conceituadas instituições médicas do período. Acredita-se que o tema do sertão manifestava-se como um lugar importante para a realização do ideário higienista. Esse ideário encontrava-se ancorado a um projeto de medicina social, que se viabilizaria não somente por meio de medidas de intervenção no meio urbano, mas também a partir de um olhar, uma avaliação e um projeto de intervenção sobre o sertão.

²¹ LIMA, 1998, op. cit.

²² Id.

Dessa forma, apresentar, analisar e identificar os “enunciados” ou as “verdades” presentes no discurso de Afrânio Peixoto trará a luz uma posição muito mais ampla, que diz respeito a produção de saberes por parte da *intelligentsia* do período bem como das instituições aclamadas para a construção da nação.

3 OBJETIVOS

- Estudar a produção intelectual de Afrânio Peixoto (literária e científica) no que se refere às ideias lançadas por este intelectual acerca do sertão brasileiro nas quatro primeiras décadas do século XX (1911-1947).
- Identificar na trajetória intelectual de Júlio Afrânio Peixoto as ideias que defendeu bem como as estratégias que adotou na interação com as dinâmicas sociais, políticas e intelectuais do mundo em que viveu.
- Contextualizar o instante das produções intelectuais desse autor e dialogar com os distintos pareceres lançados pelas produções do momento acerca dos sertões brasileiros.
- Elaborar um apanhado geral das posturas defendidas por esse intelectual e as estratégias utilizadas para a construção dos significados sociais atribuídos a sua obra.
- Investigar, no projeto intelectual de Afrânio Peixoto, a relação entre sua concepção de intervenção no sertão e o contexto mais amplo da instituição de um projeto de Medicina Social no início do século XX por parte de um determinado setor da intelectualidade brasileira.

4 QUADRO TEÓRICO METODOLÓGICO

Essa pesquisa buscará dialogar com o contexto intelectual, político e cultural presenciado no Brasil no início do século XX, tentando identificar a atuação de Afrânio Peixoto nas diversas áreas pelas quais o intelectual circulou com o intuito de diagnosticar a ideia produzida por ele a respeito dos sertões brasileiros e como se coaduna com o discurso de outros intelectuais brasileiros no mesmo período,

procurando conceber sua atuação no contexto mais amplo daquilo que Michel Foucault denominou como *Medicina Social*.²³

Segundo Foucault, embora a origem das práticas de saúde sejam anteriores à formação social contemporânea, com o surgimento das formas capitalistas de produção essas mesmas práticas foram lançadas e repensadas em termos de uma medicina social, prática que teve suas origens na Alemanha e na França, mas que veio a assumir a forma de uma medicina voltada para a força de trabalho somente na Inglaterra vitoriana.

No Brasil, destaca-se o nascimento de um discurso, datado entre o final do século XIX e o início do século XX, representado por higienistas, sanitaristas, engenheiros, agentes de saúde, psiquiatras e geneticistas, e que pode ser caracterizado como a tentativa de instituição de uma Medicina Social.

Tal caracterização se justifica na medida em que os expoentes desse discurso se debruçam sob a sociedade no intuito de elaborar sobre ela diagnósticos e traçar retratos mais científicos, reivindicando ao poder republicano espaço político para agir junto à população, intervindo em seus hábitos de vida com objetivo de tornar os conhecimentos científicos práticos.

Pode-se afirmar que o desenvolvimento da Medicina Social no Brasil se deu em duas etapas. A primeira, caracterizada por uma *medicina urbana*, teve início ainda no final do século XIX e foi marcada por ações de médicos sanitaristas e engenheiros sanitários no sentido de desinfecção e higienização do meio urbano, por se acreditar que ele era o foco de todas as doenças.

A segunda etapa do desenvolvimento da Medicina Social no Brasil deu-se na forma de uma *medicina da força de trabalho* e que passou a se desenvolver a partir dos anos dez. Essa etapa foi notadamente marcada por tentativas de homogeneizar a população, através da intervenção do saber médico no corpo biológico e social. E é nesse contexto que se insere os discursos de Afrânio Peixoto sobre os sertões.

Considera-se, ainda na esteira de Michel Foucault, que esses discursos são expressões tanto práticas quanto teóricas de um determinado saber que inside diretamente na vontade de poder²⁴. Os discursos, permeados de saberes e de poderes interferem na construção de determinados campos de verdade. Dessa forma, os discursos emitidos por Afrânio Peixoto, nesse momento histórico, os quais estavam

²³ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução: Roberto Machado. 25 ed. São Paulo: Graal, 2012.

²⁴ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Edições Loyola, Aão Paulo, 2000, p.10.

legitimamente amparados e cerceados pelas instituições que cerceavam suas falas, são produtores de um determinado saber sobre a sociedade, o contexto e as relações tecidas no espaço por onde se propagavam. Considerando que os saberes acerca dos sertões nesse momento histórico estavam em constante construção, os discursos produzidos pelos distintos intelectuais, legitimamente ancorados nas redes de verdades, contribuíam para uma reatualização constante das regras que regiam esses espaços.

5 TIPOLOGIA DE FONTES

A presente pesquisa encontrou um amplo leque de fontes produzidas entre os anos de 1897 até 1947 de significativa importância para a realização desse trabalho. Essas fontes podem ser classificadas em quatro categorias distintas, de acordo com suas especificidades:

1. Fontes Pessoais: Nessa categoria encontram-se cartas pessoais escritas por Afrânio e para Afrânio entre os anos de 1900 até 1947. Num levantamento prévio foi possível identificar mais de 300 documentos desse gênero (entre correspondências, bilhetes, cartões postais, etc.). Entre suas correspondências, vale destacar o contato de Afrânio Peixoto com Affonso Taunay, Mário de Andrade, Rodrigues Alves, Aluysio de Azevedo, Ruy Barbosa, Ramiz Galvão, Roquette-Pinto, Henrique Morize, Francisco Venâncio Filho, José Veríssimo, Jackson de Figueiredo, Juliano Moreira, Coelho Neto, Medeiros & Albuquerque, Alfredo Pujol, João do Rio, Paulo Guimarães, Tobias Monteiro, Conde de Affonso Celso, Paulo de Azevedo, Fernando Nery. Além destes, é possível encontrar, embora com menor frequência, a correspondência de Afrânio Peixoto com figuras como Alberto Torres, Renato Kehl, Georges Raeders, entre outros escritores profundamente envolvidos nas discussões em torno da construção nacional, literatura, ciências, história. Sua correspondência trata de temas variados, entre eles comentários sobre suas pesquisas, pedidos de publicações de artigos, respostas a críticas tecidas sobre suas obras, as relações institucionais, a vida política do país, suas atividades públicas, seus projetos e conversas em torno da vida privada²⁵. Grande parte

²⁵ Neste aspecto, é importante ressaltar o cuidado metodológico que se deve ter ao analisar documentos de arquivos, coleções e fundos pessoais. Como se trata de uma “memória selecionada”, organizada para monumentalizar a biografia e as idéias de um personagem ou de um grupo social, esse tipo de documentação deve ser visto também como um “ato de memória” ou de “ocultação” de determinados acontecimentos, sobretudo aqueles capazes de atribuir significados especiais ao mundo que

dessas fontes encontram-se no *Fundo Pessoal Afrânio Peixoto* que está sob os cuidados da Academia Brasileira de Letras, localizada na Avenida Presidente Wilson, 203, Castelo, Rio De Janeiro, R.J, na parte das documentações.

Outra parte de fontes pessoais sobre Afrânio Peixoto encontra-se na parte de documentações da *Fundação Biblioteca Nacional*, localizada na Avenida Rio Branco, 219, Rio de Janeiro. Nesse local foram encontradas 15 pastas com documentos pessoais de Afrânio (correspondências, cartões postais, trechos de artigos manuscritos, entrevistas respondidas por ele) produzidos entre os anos de 1916 até 1940.

2. Fontes Literárias: Trata-se de todas as produções de cunho literário escritas por Afrânio Peixoto. Desde sua entrada na Academia Brasileira de Letras até seus últimos escritos Afrânio publicou 28 livros. No entanto, suas produções literárias estenderam-se para além dos livros publicados. Diversos artigos saíram em revistas, jornais, folhetins. Algumas vezes Afrânio publicava em parceria com outros escritores do momento, como foi o caso do livro *O Mistério* publicado por quatro autores, em formato de romance policial (Afrânio Peixoto, Medeiros & Albuquerque, Viriato Corrêa e Coelho Netto). Grande parte desse material encontra-se na *Biblioteca Lúcio de Mendonça, na ABL*. Nesse espaço está localizada a biblioteca particular de Afrânio que foi doada por sua família. Nessa mesma Biblioteca encontram-se alguns dos periódicos de circulação no momento, onde há textos literários de Afrânio, como é o caso do Boletim de Ariel (1916-1960), Revista do Brasil (1916-1940); Periódico da Academia Brasileira de Letras (1910-1940); Revista Brasileira (1925-1937); No acervo do Fundo Pessoal de Afrânio, também na ABL há recortes de revistas e de jornais com publicações do autor, de 1920 até 1947.

As obras literárias de Afrânio, importantes para a pesquisa são: *A esfinge* (1911), *Maria Bonita* (1914), *Poeira da estrada* (1918), *Trovas brasileiras* (1919), *Parábolas* (1920), *Fruta do mato* (1920), *Castro Alves, o poeta e o poema* (1922), *Bugrinha* (1922), *Ensinar e ensinar* (1923), *Dicionário dos Lusíadas*(1924), *Dinamene* (1925), *Arte poética* (1925), *As razões do coração* (1925), *Camões e o Brasil* (1926), *Uma mulher como as outras* (1928), *Sinhazinha* (1929), *Miçangas* (1931), *Viagem*

os rodeia. GOMES, Ângela de Castro. 2004. 'Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo'. In: GOMES, A. C. (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro. Editora FGV, p. 07-24. Entretanto, ao mesmo tempo em que impõe dificuldades e limitações ao pesquisador, esse tipo de fonte, especialmente as correspondências pessoais e institucionais, cartões, telegramas, recortes de jornais, permitem que se tenha acesso à informações fundamentais sobre as ideias e a trajetória de um personagem, do seu grupo social e de suas relações políticas e intelectuais.

Sentimental (1931), *História da literatura brasileira* (1931), *Castro Alves* (1931), *Panorama da literatura brasileira* (1940), *Pepitas* (1942), *Amor sagrado e amor profano* (1942), *Despedida* (1942), *Indes* (1944), *É* (1944), *Breviário da Bahia* (1945), *Livro de horas* (1947).

3. Artigos Científicos e Discursos Acadêmicos: Trata-se das fontes de caráter institucional. São artigos publicados em revistas científicas ou discursos dirigidos a grupos intelectuais dos espaços por onde Afrânio circulou. Nessa categoria pode-se citar: os discursos pronunciados por Afrânio quando da sua entrada na ABL (1911); o discurso de recepção do acadêmico Oswaldo Cruz, pronunciado por Afrânio Peixoto em 1913; Discurso de Recepção ao acadêmico Alcantara Machado (1915); Discurso de recepção ao acadêmico Aloísio de Castro (1917); Discurso quando da sua eleição como presidente da ABL (1923); Discurso de Inauguração da nova sede da ABL- Petit Trianon (1923). Essas fontes encontram-se *no Fundo Pessoal Afrânio Peixoto*, na ABL. Há, ainda na categoria discurso, aqueles pronunciados quando da sua entrada na Academia Brasileira de Medicina (1903); no IHGB (1919); na Acadêmia Brasileira de Ciências (1916); na Acadêmia de Ciências de Lisboa (1925); no Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura (1935); todas essas fontes fazem parte do Fundo Pessoal de Afrânio Peixoto, da ABL.

Podemos citar ainda os artigos escritos por Afrânio em periódicos de caráter científicos, literários, históricos ou jornais de grande circulação nacional. Num levantamento prévio foram encontrados 40 artigos, publicados entre os anos de 1898 até 1947, são eles: *Epilepsia e crime*. Prefaciada pelos drs. Nina Rodrigues e Juliano Moreira. Bahia, V. Oliveira & Cia., 1898; *Defesa social contra a tuberculose*. Relatório apresentado no Congresso Medico Latino-Americano de Buenos Aires. *Brazil-Med.*, Rio de Janeiro, set. 1904; *Folie maniaque-dépressive..*- [Paris, L. Maretheux]; "Extrait des Annales Médico-psychologiques (mars-avril, 1905). *Brasileirismos*. São Paulo, Nova Era. Separata da *R. Filol. Port*, n. 6, 7, 8 e 9. 1907; *Clima e doenças do Brasil*; notas escriptas para o Brazilian year book de 1908. Rio de Janeiro, Irapr. Nacional, 1907; *Servido médico-legal de autopsias, proyecto de reglamentació*[de los Archivos de criminologia medicina legal y psiquiatria] Buenos Aires, "Revista Nacional", 1902. *Clima e doenças do Brazil* (Notas escriptas para o Brazilian Year Book de 1908) *Brazil-Méd.*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1908; *Curso de medicina publica*. Anais da Fac. de Med. do Rio de Janeiro. 1917; *Medicina legal*. Rio de Janeiro, F. Alves, 1918; *O saneamento*

do Brasil. Revista do Brasil, São Paulo, 8 (29): 78-82, maio 1918; *Outros males*. Revista do Brasil, São Paulo, 9 (35) 249-71, nov.1918; *Educação e saneamento*. Revista do Brasil, São Paulo, 9 (33), 119-20, set. 1918; *Ensinar a ensinar*; ensaios de pedagogia aplicada à educação nacional. Rio de Janeiro, F. Alves, 1923; *O outro Euclides: o que sobra d'"Os sertões"*. Revista Brasileira, no. 24, abr. 1923; *Higiene*. Rio de Janeiro, F. Alves, 1926; *Oswaldo Cruz*. Revista da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro. Jun. 1927; *Saúde e civilização*. Revista da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, abr. 1928; *Retrato do Brasil*. Revista da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro. Jan. 192; *Crimines pasionales*. Buenos Aires, Impr. Frascolli y Bindi, 1931. De los *Archivos de Medicina Legal*, año I, n. 5 noviembre-Diciembre 1931.; *O crepúsculo da litteratura*. B. de Ariel, Rio de Janeiro, 1, fev. 1932; *Criminologia*. Rio [de Janeiro] Ed. Guanabara [1933?]; *Novos rumos da medicina legal* Rio [de Janeiro] Ed. Guanabara [1933?]; *Juliano Moreira*. Boletim de Ariel, Rio de Janeiro, 2 (9) : 223-24, jun. 1933; *Clima e saúde*; introdução bio-geográfica à civilização brasileira. São Paulo, Ed. Nacional, 1938.; *Sobre a cultura brasileira*. Revista da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro. jul./dez. 1939; *Noções de higiene*. F. Alves, 1939; *Gosto, bom gosto, gosto literário*. Revista da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 40 (61) : 43-8, jan./jun. 1941; *A "Revista brasileira" e as suas fases*. Revista da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, (61): 288-95, jan./jun. 1941; *Noções de história da educação*. Ed.Nacional, 1942; *Comemorações euclideanas*. São Paulo, Ind. Graf. Siqueira, 1943.; *Euclides da Cunha (Prefácio à tradução inglesa d'Os Sertões)*. *Rebellion in the Backlands*, feita nos Estados Unidos. *R. Acad. Bras, de Letras*, Rio de Janeiro, 43 (67): 3-6, jan/jun. 1944; *Euclides da Cunha: dois prefácios*. Revista da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 48 (68): 3-9, jul./dez. 1944; *A obra de Euclides, retrato do Brasil*. Autores e Livros, supl. lit. de *A Manhã*. Rio de Janeiro, 5 mar. 1944; *Para o conhecimento de Euclides da Cunha*'. Em *Euclides da Cunha. Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar 1966;

4. Escritos sobre Afrânio: Nessa quarta e última categoria de fontes destaca-se os escritos de diversos intelectuais da época sobre Afrânio Peixoto. Previamente foram encontrados diversos artigos em periódicos importantes da época que criticam, elogiam ou descrevem as obras publicadas e a atuação de Afrânio nos múltiplos espaços da sociedade. No *Fundo Pessoal Afrânio Peixoto*, na ABL há cinco pastas, com cerca de 50 documentos em cada pasta referentes a recortes de jornais ou de artigos completos de periódicos cujo assunto foi Afrânio Peixoto. Pode-se destacar ainda

os discursos emitidos sobre Afrânio Peixoto quando da entrada dele em alguma instituição ou em virtude de assumir algum cargo. Nesse sentido há os seguintes discursos: Discurso de nomeação de Afrânio para Inspetor Sanitário de Saúde Pública do Distrito Federal (1902); Discurso pronunciado quando da entrada de Afrânio na direção do Hospital Nacional de Alienados (1904); Discurso de recepção de Afrânio na Academia Brasileira de Letras (1911), pronunciado por Araripe Júnior (1911); Discurso de empossamento na Cátedra de Medicina Pública da Faculdade de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro (1913); Discurso de recepção na cátedra de Higiene da Faculdade de Medicina (1916); Discurso de recepção na Academia Brasileira de Ciências (1916); Discurso de recepção como membro do IHGB (1919); Discurso de Recepção como Reitor da Universidade do Distrito federal (1934); Discurso de recepção do Instituto Luso-brasileiro de Alta Cultura (1935). Todos esses documentos encontram-se no *Fundo Pessoal Afrânio Peixoto* da ABL.

Referente a escritos sobre Afrânio foram identificados ainda, na Biblioteca Rodolfo Garcia, na ABL, setor de documentos raros e no Arquivo Pessoal Afrânio Peixoto, também da ABL os seguintes artigos considerados relevantes para o presente trabalho:

CARVALHO, Ronald de. *Afrânio Peixoto e o romance no Brasil*. O Jornal, Rio de Janeiro, 25 dez. 1919.

COSTA, Fernandes. *Afrânio Peixoto e a sua obra*; apresentação dos livros d'este erudito escriptor e da sua candidatura a socio correspondente estrangeiro, na "classe de letras" da "Academia das sciencias de Lisboa", em sessão de 27 de novembro de 1919. Paris, Aillaud et Bertrand, 1920.

DINIZ, Almáquio. *Afrânio Peixoto: Meus ódios e meus affectos*. São Paulo, Monteiro Lobato, 1942;

FALCÃO, Luís Aníbal. *Conversando com Afrânio Peixoto: Do meu alforje*. Rio de Janeiro, Franco- Brasileira, 1945.

FIGUEIREDO, Jackson de. *Atravez da obra de Afrânio Peixoto. Afirmações*. Rio de Janeiro, 1924;

GIESE, Wilhelm. *Afrânio Peixoto, romancista*. Trad. portuguesa de Adolfo Benarús (de Lisboa) Rio de Janeiro, 1932. 47 p. Separata da *R. Acad. Bras. De Letras*, Rio de Janeiro, out. 1932;

GRIECO, Agripino. Afrânio Peixoto [Regionalistas e cidadãos]. *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro, Boletim de Ariel, 1933;

INSTITUTO DE COIMBRA & INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS. *Afrânio Peixoto*, homenagem à sua memória prestada pelo Instituto de Coimbra e pelo Instituto de estudos brasileiros. Coimbra [Coimbra Ed.] 1948;

ORBAN, Victor. *Afrânio Peixoto- Littérature brésilienne*. Préf. de M. de Oliveira Lima. 2. ed. rev. Et augm. Paris, Garnier [1914?]

Outra fonte para ser destacada, dentro dos escritos sobre Afrânio, são as suas biografias:

COUTO, Deolindo. *Afrânio Peixoto, professor e homem de ciência*. Rio de Janeiro, Livraria editora Cátedra, 1976.

RIBEIRO, Leonídio. *Afrânio Peixoto*. Rio de Janeiro, Ed. Condé, 1950.

SALES, Fernando: *Aspectos da Vida e da Obra de Afrânio Peixoto*. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

AMADO, Janaína. ‘Região, sertão, nação’. *Estudos Históricos*, 15, pp. 145-51. 1995.

CASTRO-SANTOS, Luiz Antonio de. “O pensamento sanitaria na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade”. *Dados*, v. 28, n. 2, p. 193-210, 1985.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1988.

BRITTO, Nara. & LIMA, Nísia Trindade de. “Saúde e nação. A proposta do saneamento rural. Um estudo da revista saúde”. *Estudos de História e Saúde*. V.3, 2009.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

CASTRO SANTOS, Luís Antônio de. O pensamento sanitaria na primeira república: uma ideologia de construção da nacionalidade. *Dados-Revista de Ciências Sociais*. 1985.

COSTA, Nílson do Rosário. *Lutas Urbanas e Controle Sanitário: Origens das Políticas de Saúde no Brasil*. Petrópolis: Vozes/Rio de Janeiro: Abrasco. 1985.

CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Estudos sobre teoria e história literária.

São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

FAUSTO, Boris (dir.). História geral da civilização brasileira. *O Brasil republicano. Sociedade e instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Difel, 1977.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução: Roberto Machado. 25 ed. São Paulo: Graal, 2012.

_____. *A Ordem do Discurso*. Edições Loyola, São Paulo, 2000.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____ (org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HOCHMAN, Gilberto. “Regulando os efeitos da interdependência: sobre as relações entre saúde pública e a construção do Estado (Brasil 1910-1930)”. *Estudos Históricos*. 1993.

HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. Tese de doutoramento, Rio de Janeiro, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. 1996

KROPF, Simone Petraglia. Carlos Chagas e os debates e controvérsias sobre a doença do Brasil (1909-1923). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 16, suplemento, p. 205-227, 2009a.

_____. *Doença de Chagas, doença do Brasil: ciência, saúde e nação (1909-1962)*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2009b.

MACHADO NETO, Antônio Luiz. *Estrutura social da república das letras. Sociologia da vida intelectual brasileira. 1870-1930*. São Paulo: Grijalbo/Edusp, 1973.

LABRA, Maria Eliana. *O Movimento Sanitarista nos Anos 20: Da Conexão Internacional à Especificidade da Saúde Pública no Brasil*. Tese de Mestrado, Rio de Janeiro Ebap/FGV. 1985.

LIMA, Nísia Trindade de & BRITTO, Nara. *A Campanha do Saneamento Rural na Imprensa do Rio de Janeiro (1918-1919)*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz. (mimeo.) 1991

LIMA, Nísia Trindade de. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais, sertanejos e imaginação social*. Tese de doutoramento, Rio de Janeiro, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. 1997.

LIMA, Nísia Trindade de e HOCHMAN, Gilberto. “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República”. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo V. (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB, 1996.

LUZ, MADEL Therezinha. *Medicina e Ordem Política Brasileira: Políticas e Instituições de Saúde (1850-1930)*. Rio de Janeiro: Graal. 1982.

LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. SP: Editora UNESP, 1999.

MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha* (Estudo clínico dos anatólios). São Paulo: Perspectiva, 1977.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção. De 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.

NEEDEL, Jeffrey. *Belle Époque tropical*. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. *História Sem Fim... Inventário da Saúde Pública, São Paulo – 1880-1930*. São Paulo: Editora Unesp. 1993

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. Tensões sociais e criação cultural na primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. 1993. *O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Editora Companhia das Letras.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras*. Literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

STEPAN, Nancy. *Gênese e Evolução da Ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Artenova e Fundação Oswaldo Cruz. 1976.

SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SÁ, Dominichi M. de. A voz do Brasil: Miguel Pereira e o discurso sobre o ‘imenso hospital’. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 16, suplemento 1, p. 333-348, 2009^a.

THIELEN, Eduardo Vilela et al. *A ciência a caminho da roça: imagens das expedições do Instituto Oswaldo Cruz (1911-1913)*. Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. 1991.

VENTURA. Roberto. *Visões do deserto: Selva e sertão em Euclides da Cunha*. Manguinhos, 1998 v.V. suplementos 133-48